

3. A fronteira francófona do Brasil

3.1 Aspectos sócios - econômicos da região

Nos quatro cantos do país, a cidade de Oiapoque é conhecida pela expressão “do Oiapoque ao Chuí”. Caracterizada como o ponto extremo do Brasil ao norte, essa região está localizada no estado do Amapá a pouco mais de 600 quilômetros da capital, Macapá.

O município é o território limite do país no extremo norte e fica a margem direita do rio, com o mesmo nome da cidade, Oiapoque. Este, por sua vez, é a fronteira natural que separa o Brasil da Guiana Francesa, departamento ultramar da França.



Figura 2: Mapa do Amapá

Historicamente a disputa pela delimitação dessa fronteira teve início no século XVII. O território, na realidade, pertencia a Espanha através do tratado de Tordesilhas, mas com o objetivo de fortificar a região, que estava sendo alvo de holandeses, ingleses e, principalmente, franceses devido à proximidade com a Guiana Francesa, a região foi

doada pelos espanhóis ao português Bento Parentes com o nome de capitania do cabo Norte.

Mesmo diante dessa delimitação de território, os franceses continuaram na tentativa de conquistá-lo. Em 1713, foi assinado entre Portugal e França o tratado de Utrecht onde ficou estabelecido que o rio Oiapoque, antes chamado de Vicente Pizón, no extremo norte da colônia, seria o limite de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa.

Contudo, mesmo diante do tratado, ainda assim, os franceses permaneceram tentando obter o domínio da região fazendo com que Portugal começasse a construir, em 1764, a fortaleza de São José de Macapá, a maior fortaleza do Brasil colônia, para impedir os ataques dos franceses que vinham da Guiana. É interessante ressaltar, que a região não foi contestada pela Espanha, pois tanto os espanhóis quanto os portugueses expandiram suas respectivas fronteiras desrespeitando o tratado de Tordesilhas.

A disputa entre Brasil e França pelo território que hoje corresponde ao estado do Amapá só termina, em 1900, com a intermediação do presidente suíço Walter Hauser, através do laudo suíço, que confirma os direitos brasileiros sobre a área.

Em 1945, depois de tantas disputas travadas na fronteira, a região de Oiapoque, chamada também de Martinica, devido ao seu primeiro morador não-índio, Emile Martinique, teve sua fundação promulgada neste mesmo ano pela lei brasileira. Vale lembrar, que os primeiros habitantes da região, assim como em todo território brasileiro, foram os povos indígenas.

Atualmente Oiapoque além de representar um dos extremos do país é também conhecido como a porta de entrada e saída para a Europa. Por isso, essa região possui características de ordem sócio econômicas, culturais e lingüísticas que são muito diferentes das demais regiões com as quais o Brasil faz fronteira.

Poucos sabem que a ¹¹Guiana Francesa é um departamento ultramarino da república francesa e possui quase 700 quilômetros de fronteira com o Brasil. Desde 1946, os habitantes guianenses possuem o estatuto de cidadãos franceses e, por isso, também possuem seu espaço político e institucional organizado segundo os modelos dos demais departamentos da França. Esse fato é de suma importância para entender a configuração dessa região fronteiriça

¹¹O departamento é uma das principais divisões administrativas do território francês: são 96 na França metropolitana e 4 no ultramar.

A Guiana Francesa é uma extensão da França na América do sul e, por isso, possibilita um nível de vida, devido aos recursos advindos da França e da União Européia, completamente diferente dos países vizinhos assim como o do Brasil. Entretanto, é importante destacar que a Guiana Francesa é o território francês com menos recursos.

Essa proximidade com a Guiana Francesa fez com que, a partir da década de 60, um grande número de brasileiros migrasse para a região francesa em busca de melhores oportunidades de trabalho principalmente nos centros urbanos como Caiena, a capital, e Kourou, cidade onde está instalada a base espacial francesa.

Nos final da década de 90, os laços entre os dois países foram reafirmados através do acordo transfronteiriço assinado, em 1998, entre o governo brasileiro e francês. Esse acordo prevê uma série de ações conjuntas para a região a partir de projetos de cooperação sócio-econômica, educativa e cultural.

É interessante observar que no século XVII os franceses tentavam, por todos os meios, adentrar o território brasileiro com objetivo de expandir o território francês e conseqüentemente tomar posse de todos os recursos naturais. Hoje, ironicamente, os brasileiros, por motivos econômicos, adentram o território francês em busca do sonho dourado de melhores oportunidades de emprego.

Antes do acordo, o censo demográfico, de 1991, feito pelo ¹²IBGE no município de Oiapoque, registrou um pouco mais de 5000 habitantes. Em 2000, dois anos após a assinatura do acordo transfronteiriço, o censo demográfico registrou o total de 15.046 habitantes, já no censo populacional feito em 2007, o número registrado foi de 19.181 habitantes.

Entretanto, em fevereiro de 2008, durante a pesquisa de campo, averiguamos que no cartório da cidade estão registradas 21.161 pessoas e os escreventes especulam que o número total de habitantes seja de aproximadamente 35 mil devido ao elevado número de migrantes vindos do estado do Pará e do Maranhão. A especulação sobre esse número de habitantes é devido ao número de registro de compras de imóveis na região. Esse aumento populacional é decorrente, como dito anteriormente, da valorização do euro frente à moeda brasileira.

¹² O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mais conhecido por sua sigla IBGE, é uma fundação pública da administração federal brasileira criada em 1934. O Instituto tem atribuições ligadas às geociências e estatísticas sociais, demográficas e econômicas, o que inclui realizar censos e organizar as informações obtidas nesses censos, para suprir órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal, e para outras instituições e o público em geral.

Esse câmbio monetário é interessante tanto para os franceses quanto para os brasileiros, pois a cada dia torna-se mais intenso o fluxo de garimpeiros, mercadores e turistas franceses que atravessam o rio Oiapoque em busca de turismo de compras e diversão no Brasil. Por outro lado, os brasileiros que decidem ficar no país em vez de tentar a vida clandestinamente em Caiena, tentam abrir seus próprios estabelecimentos comerciais ou então trabalham nas lojas, hotéis e restaurantes da cidade recebendo em euro e em real o salário brasileiro. É importante ressaltar que o ¹³SEBRAE-Ap registrou o crescimento de 100% no comércio de Oiapoque nos últimos anos.

Neste contexto em que até mesmo as moedas se mesclam, podemos dizer que a fronteira é, ao mesmo tempo, o lugar de integração e separação. Pois, se a moeda européia gira livremente, em Oiapoque, juntamente com a moeda brasileira dando uma outra configuração econômica a essa região fronteira, outros aspectos de ordem socioculturais e lingüísticos também surgem para configurar ainda mais essa região e, conseqüentemente, modificar o cotidiano dos habitantes oiapoquenses.

Para Sturza (2006), o que determina o deslocamento das populações e o trânsito entre as comunidades é a situação econômica dos países. Nesse sentido, o câmbio entre as moedas nacionais continua sendo um aspecto determinante para aumentar o fluxo do trânsito entre pessoas.

Um ponto em comum dessa cidade fronteira com as outras cidades de fronteira do Brasil é que todas estão à margem das políticas de integração definidas para as regiões centrais do país apesar de sempre serem lembradas como espaço de integração. Desse modo, as particularidades sejam econômicas, socioculturais e lingüísticas desses espaços são invisibilizados.

A estrada que liga a capital Macapá a Oiapoque tem menos da metade de seus 600 quilômetros pavimentada, ou seja, grande parte da estrada é de terra o que torna o acesso a região extremamente difícil e, quando na época das chuvas, quando são formados os grandes atoleiros, impossível de ser atravessada. Assim como a BR.156, as ruas de Oiapoque também não possuem asfaltamento e por isso, formam-se grandes lamaceiros pelas ruas como podemos ver na figura 3.

¹³ SEBRAE- Serviço de apoio às micro e pequenas empresas.



Figura 3: Ruas em Oiapoque

Economicamente o município de Oiapoque se desenvolve através do comércio e de atividades como pesca, agricultura e artesanato. O artesanato, é importante ressaltar, é desenvolvido pelas diversas etnias indígenas que habitam a região em áreas demarcadas pela FUNAI. Além disso, é notória a presença de diversas casas de prostituição e bares como também a atividade do ¹⁴garimpo, considerada ilegal por ambos os países. Na verdade, estas são as atividades que impulsionam fortemente a região juntamente com os comerciantes de, ¹⁵carne, ouro e os “cambistas” de euro.

O município de Oiapoque tem um PIB de R\$ 136.756.000,00 e mesmo sendo uma região considerada “pobre” para os padrões brasileiros de economia, o custo de vida na região que “faz fronteira com a Europa” é extremamente alto devido ao fácil acesso a moeda européia. Diariamente um número significativo de franceses atravessa o rio em busca de produtos bem mais baratos em comparação com os preços europeus. Essa procura faz com que os comerciantes aumentem o valor dos produtos. Outro fator importante para o alto nível de vida diz respeito ao isolamento da cidade em relação ao restante do país.

Nos quinze dias de pesquisa de campo que tivemos em Oiapoque e três destes

¹⁴ Na visita oficial do presidente francês ao Brasil foram assinados oito documentos. Entre eles fica acordado o combate à exploração ilegal de ouro na faixa de 150 quilômetros dos dois lados da fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa. Prevê ações conjuntas na prevenção e repressão da extração ilegal de ouro, assim como a adoção de leis específicas pelos dois países.

¹⁵ A carne brasileira só poderia chegar a Guiana Francesa depois de passado por um processo protocolar de exportação, o que inclui uma fiscalização sanitária de ambos os países.

em pesquisas em Saint-Georges, ficou claro que a população da cidade brasileira é a que mais sofre com o abandono do poder público, que oferece uma infra-estrutura básica. Isto sem falar no alto índice de criminalidade devido ao crescimento populacional desordenado. Em Saint-Georges, ao contrário, vemos, ao chegar ao cais, o planejamento urbano francês. O vilarejo com pequenas casas e apenas um comércio na praça principal. Ainda segundo dados da ¹⁶Mairie francesa, o número não chega a mil habitantes. Outro ponto que difere de Oiapoque é a limpeza das ruas e o índice de criminalidade, que nem se compara ao lado brasileiro. Na figura 4, observamos o planejamento urbano de Saint-Georges.



Figura 4: Vilarejo de Saint-Georges na Guiana Francesa

Em relação aos indígenas, é interessante destacar que os índios nascidos em território guianense francês desfrutam de toda a seguridade francesa e recebem benefício, a¹⁷*securité sociale*, por cada filho assim como qualquer cidadão francês. Em contraponto, os índios brasileiros vivem em situação de exclusão socioeconômica. O governo brasileiro ¹⁸gasta sete dólares *per capita* em cuidados com saúde para a população indígena contra 33 dólares de média para o país. Em Oiapoque, existe um hospital especificamente para a população indígena e, mesmo diante dessa

¹⁶ Prefeitura em francês

¹⁷ Seguridade social

¹⁸ Dados do PNUD

exclusividade, em visita ao local, percebemos a falta de infra-estrutura da instituição para atender os indígenas do município.

Outra instituição voltada para a população indígena além do hospital e da FUNAI, na cidade, é o museu do índio com uma infra-estrutura excelente. Tem duas salas para exposições permanentes e temporárias, um auditório, salas de material de consulta bibliográfica e audiovisual além de uma loja de artesanatos. O museu é, provavelmente, o único museu do mundo ¹⁹administrado por indígenas. O que possibilita aos visitantes conversarem com os funcionários indígenas obtendo assim maiores impressões sobre os diversos grupos étnicos que habitam a região. Na figura 4, a estrutura física do museu.



Figura 5: Museu do índio

Mesmo sendo assegurada pela constituição, a educação bilíngüe indígena, também está, muitas vezes, comprometida para os povos indígenas, pois continua sem ter o resultado esperado devido à falta de prioridade do poder público tais como a falta de instalações escolares nas áreas onde as populações indígenas vivem assim como professores qualificados.

¹⁹ Possui 01 gerente Karipuna (Dionísio dos Santos), 01 sub-gerente Galibi-Marworno, 01 sub-gerente Karipuna, cerca de outros 17 indígenas (de ambos os sexos) foram capacitados em museologia, durante três anos, para trabalharem nesse museu, com apoio das instituições parceiras dos Povos Indígenas do Oiapoque: PAPI/MMA, NHII/USP, Museu Emílio Goeldi, Museu do Índio/FUNAI, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Governo do Estado do Amapá, dentre outros.

Para 2009, está previsto a construção da ponte que ligará Oiapoque a Saint-Georges. Esse grande empreendimento, resultado de acordos entre Brasil e França, alterará ainda mais a configuração dessa fronteira que deixará de ser caracterizada como “líquida e passará a ser “seca”. A construção da ponte custará vinte milhões de dólares e a previsão de término da construção é para esse ano. Representantes de ambos os países acreditam que a ponte, chamada de “ligação Amazônica”, irá proporcionar ao estado do Amapá e a Guiana Francesa um grande desenvolvimento econômico. Entretanto, a partir do quadro traçado acima sobre essa região, a construção dessa ponte também pode aumentar os números da criminalidade como o contrabando de plantas, animais silvestres, minérios, tráfico de drogas e prostituição de menores.

Diante do que foi exposto, podemos dizer que o município de Oiapoque precisa de políticas públicas urgentes que promovam o crescimento com igualdade para os distintos grupos étnicos que habitam a região tais como de educação, saúde, segurança, planejamento urbano, e oferta de emprego. No entanto, os acordos estabelecidos, até então, entre o Brasil e a França visam acordos econômicos de ordem macro como defesa, tecnologia e biodiversidade amazônica. Sobre a região, os países assinaram um acordo para combater a exploração ilegal de ouro dos dois lados da fronteira

Um ponto importante e interessante para apontarmos sobre essa fronteira é que os brasileiros têm trânsito livre, sem necessidade de visto, até Saint- Georges. Entretanto, para entrar na principal cidade da Guiana Francesa, Caiena, é necessário visto do consulado francês. Nesse sentido, a fronteira “real” parece ser em Caiena. A proteção dessa fronteira é rígida e a cada dia um maior número de brasileiros é devolvido ao Brasil. É importante destacar que não é necessário ter visto para ir à capital da França em Paris. Isso reflete, na verdade, que para o governo francês, o território francófono inicia mesmo em Caiena. Desse modo, tanto Oiapoque quanto Saint- Georges não representam muito para os seus respectivos Estados.

3.2 Aspectos lingüísticos

A disputa territorial entre o império português e o francês pela região contribuiu para a configuração lingüística dessa região fronteiriça. Todo esse processo histórico de disputa territorial significou também uma história de contato entre as línguas.

Enquanto que do lado guianense a presença do português é quase nenhuma, do lado brasileiro, no entanto, a presença da língua francesa é constante desde a placa de bem-vindo na entrada da cidade como veremos na figura 6 e 7.

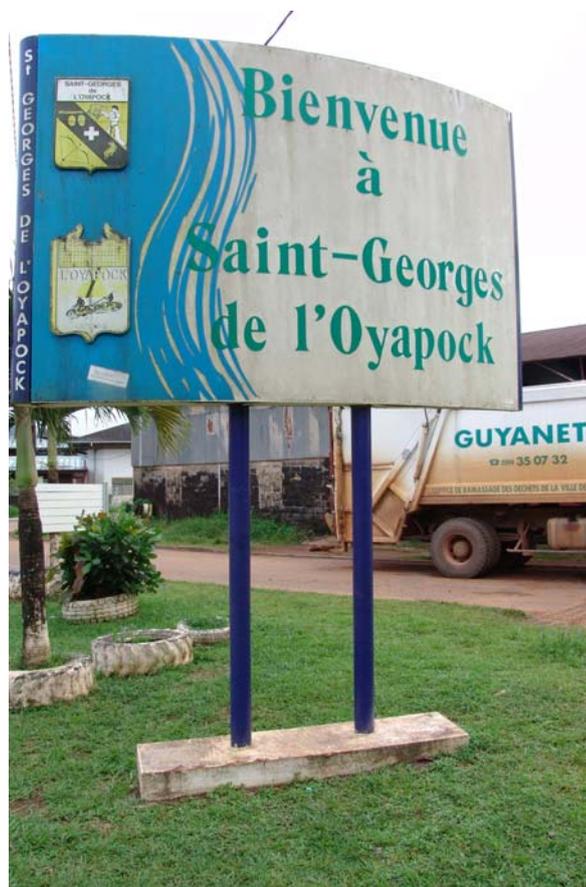


Figura 7: Placa de Bem-Vindo na Guiana Francesa

Como vemos, a placa de bem-vindo, em Saint-Georges, está escrita em francês e não há vestígios de propagandas comerciais com o apelo de atrair os brasileiros em língua portuguesa. Já na placa brasileira, como veremos na figura 7, encontramos saudação em francês propagandas de hotéis e restaurantes para atrair e orientar o turista francês.



Figura 8: Placa de Bem-Vindo em Oiapoque

Encontramos a presença da língua francesa também no monumento com a inscrição “aqui começa o Brasil”, nas placas que indicam os estabelecimentos comerciais assim como nas placas oficiais do governo do Amapá conforme ilustram as figuras a seguir.



Figura 9 : Monumento “aqui começa a evangelização do Brasil”



Figura 10: Estabelecimento Comercial em Oiapoque



Figura 11: Placa de Hotel em Oiapoque



Figura 12: Salão de Beleza em Oiapoque



Figura 13: Placa do Governo do Amapá



Figura 14: Placa do Governo do Amapá



Figura 15: Placa do Governo do Amapá

No dia-a-dia, as pessoas se cumprimentam com ²¹*bonjour* e quando nos aproximamos do cais, local onde se pega a catraia para atravessar o rio Oiapoque e chegar ao outro lado da fronteira, a exposição é ainda maior com um número significativo de catraeiros e comerciantes falando em francês para atrair os turistas. Estes dados tem consequência direta no status e nas atitudes linguísticas dos indivíduos da região.

²¹ Bom dia em francês

Como vimos, ao contrário do contato lingüístico que ocorre nas demais regiões de fronteira do país entre o português e o espanhol, a situação lingüística encontrada em Oiapoque apresenta uma situação plurilíngüe devido à coexistência de outras línguas juntamente com as línguas nacionais, o português e o francês.

No estudo de Day (2005, p.65), foi observado que no município brasileiro além do português, língua oficial, coexistem diariamente na região o francês, língua oficial da Guiana, o ²²crioulo francês, e línguas indígenas. É importante ressaltar que esse contexto multilíngüe contrasta sobremaneira com a idéia que temos que do norte ao sul do país se fala uma única língua, o português.

A autora aponta que as línguas em presença no município possuem status diferenciados e são utilizadas em diferentes ambientes comunicativos. O português e o francês possuem o status de línguas oficiais e, por isso, são as línguas utilizadas nas repartições públicas respectivamente em Oiapoque e na Guiana Francesa. Na outra margem do rio, no vilarejo de Saint Georges, na Guiana Francesa, o crioulo francês é a língua materna de uma grande parte da população, mas respeitando a determinação político - lingüística da França, não possui status de oficialidade.

Em relação às línguas indígenas, quatro etnias habitam essa região fronteiriça: Os Palikur, os Galibis, Os Wãiapí e os Karipunas. Dentre as línguas faladas por essas etnias, a de maior expressividade é o patuá. Assim como o crioulo francês, o patuá não possui status de oficialidade nem do lado brasileiro nem do lado francês. Entretanto, essa língua é utilizada pelos índios no interior de instituições indígenas como a FUNAI, o museu do índio e o hospital indígena do município de Oiapoque.

Ainda segundo Day (2005), no comércio e nas ruas de Oiapoque a língua estrangeira de maior representação, como dito, é a francesa. O crioulo e o patuá possuem uma representação menos significativa provavelmente por serem línguas de modalidade oral e estão associados a grupos de menor expressão econômica. Independentemente da maior ou menor representação que cada língua possa ter, as mesmas se encontram diariamente nos diversos espaços da cidade. É comum no mercado, nas lojas ou na praça, observar o fenômeno lingüístico do code-switching, alternância de códigos feita por falantes bilíngües em duas ou mais línguas tanto do lado francês, em menor grau, como no lado brasileiro.

²² O crioulo francês é um falar construído a partir do Francês (com muitos termos do inglês). O contato entre as línguas dos escravos e o francês deu origem ao crioulo na Guiana Francesa, e a proximidade com o Brasil trouxe para o país a referida língua.

A primeira vista pode parecer que essa situação plurilíngüe não acarreta maiores problemas já que cada língua é, a princípio, determinada por um ambiente comunicativo específico. Entretanto, falar de línguas é também falar de pessoas que transitam por diferentes espaços nas suas relações interpessoais. Nesse sentido, pessoas em contato pressupõem línguas em contato.

As crianças que investigamos transitam em diferentes ambientes comunicativos dessa fronteira seja transitando de um país a outro por necessidades diárias, seja por ter parentes em ambos os lados, seja por ter família mista, seja por ser índia, seja porque tem outra nacionalidade e outras tantas razões. O importante é que essas crianças representam exatamente as diversas relações interpessoais sobre as quais mencionamos acima e, desse modo, é indispensável precisar a posição de cada língua e averiguar a sua relação com as mesmas como subsídio de uma proposta de política lingüística para a região.